



Vol. 24, nº 1 (2023)

DOI: 10.30681/issn22379304v24n01/2023p115-130

**O PROCESSO DE DESSACRALIZAÇÃO DAS DIVINDADES  
CRISTÃS E A SUBVERSÃO POÉTICA PRESENTES NA OBRA DE  
D. PEDRO CASALDÁLIGA**

\*\*\*

**THE PROCESS OF DESACRALIZATION OF THE CREST DEITIES  
AND THE POETIC SUBVERSION PRESENT IN THE WORK OF D.  
PEDRO CASALDÁLIGA**

Priscila Darolt<sup>1</sup>

**Recebimento do Texto:** 16/04/2023

**Data de Aceite:** 20/10/2022

**RESUMO:** O artigo propõe um estudo analítico acerca da obra poética de D. Pedro Casaldáliga, em especial os temas da dessacralização e subversão, os quais foram pesquisados de maneira mais ampla na dissertação de Mestrado *A dessacralização das divindades e a subversão na poética de D. Pedro Casaldáliga* (2021), apresentada ao Programa de Pós-graduação em *Estudos Literários* da UNEMAT. A ideia principal do texto será investigar a subversão poética que categorizava uma fé reflexiva e autônoma, capaz de produzir poemas lírico religiosos com um teor social, tornando-se insígnias importantes em defesa da terra, das tribos indígenas, dos posseiros, enfim, da luta pela igualdade. Os poemas analisados são apresentados nas obras: *Antologia Retirante* (1978), *Cantigas Menores* (1979). Para embasar a escrita foram utilizados os teóricos Antonio Candido (1981), (2006) e Alfredo Bosi (1977), (1992), (2002), o teólogo José Ramos Regidor (1996), o historiador Mairon Escorsi Valério (2012), críticos literários e a própria dissertação comentada.

**PALAVRAS-CHAVE:** D. Pedro Casaldáliga. Dessacralização. Subversão. Poesia. Religião.

**ABSTRACT:** The article proposes an analytical study of the poetic work by D. Pedro Casaldáliga in particular the themes of desacralization and subversion which were researched more broadly in the master's thesis *The desacralization of the deities and the subversion in the poetic of Dom Pedro Casaldáliga* (2021), presented to the graduate program in literary studies of UNEMAT. The main idea of the text will be to investigate the poetic subversion which categorized a reflective and autonomous faith able to produce religious lyric poems with a social content becoming important insignia in defense of the land, of the indigenous tribes, of the squatters, finally the struggle for equality. The poems analyzed are presented in the works: *Antologia Retirante* (1978), *Cantigas Menores* (1979). To support the writing, theorists were used Antonio Candido (1981), (2006) e Alfredo Bosi (1977), (1992), (2002), the theologian José Ramos Regidor (1996) the historian Mairon Escorsi Valério (2012) literary critics and the dissertation itself cited.

**KEYWORDS:** D. Pedro Casaldáliga. Desacralization. Subversion. Poetry. Religion.

---

<sup>1</sup>Mestra em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Doutoranda no programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Estudos Literários, PPGEL/ UNEMAT, orientada pelo professor Doutor Isaac Newton Almeida Ramos. E-mail: [priscila.darolt@unemat.br](mailto:priscila.darolt@unemat.br); Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9308827166589154>



O padre claretiano Pedro Casaldáliga chegou ao Brasil no ano de 1968 para administrar a Prelazia de São Félix do Araguaia- MT. Foi nomeado Bispo em 1971 e, como consequência de sua postura profética, tornou-se um dos maiores líderes da Teologia da Libertação na América Latina. Segundo Regidor (1996), a expressão “Teologia da Libertação” foi utilizada pela primeira vez pelo teólogo peruano Gustavo Gutiérrez no mesmo ano em que Casaldáliga chega ao Brasil. Uma vertente, ainda nascente, que promulgava os direitos dos pobres e oprimidos, renovando as bases tradicionais da Igreja Católica a partir da II Conferência Episcopal Latino-Americana, realizada em Medellín (Colômbia), em 1968.

Ao chegar a Mato Grosso, conviveu com as consequências do projeto desenvolvimentista promovido pelo governo federal que, em 1966, regulamentava a política nacional de ocupação do território brasileiro, sendo a região Centro-oeste um dos focos principais dessa expansão. Os projetos pensados após esse período fomentavam a industrialização do campo e a predominância do capitalismo. Todo o incentivo favorecia os grandes latifundiários em detrimento dos pequenos proprietários e tribos indígenas que se viam esmagados pela modernização do campo. Diante das desigualdades e cruza do local, o Bispo, em seu caráter político, protagonizou consideráveis lutas pelo direito indígena, à terra e à vida. A escrita foi sua aliada em praticamente todos os momentos, denunciando e dando voz aos oprimidos: “Esta gente escuta – escrevia também no Diário – sorri às vezes, cala quase sempre. A que distância estarão minhas palavras da sua alma simples, elementar, endurecida pelo sofrimento e pelo abandono?” (CASALDÁLIGA, 1978, p. 31).



A obra literária de Casaldáliga é bastante vasta, destacando-se na produção poética. É uma escrita convidativa, que contesta o sistema opressor do regime ditatorial e reaviva a esperança dos mais desfavorecidos e reaproxima a comunidade local dos ensinamentos bíblicos a partir da realidade social. Uma poesia militante e engajada com predominância poética apurada, em que se sacraliza o texto literário e, ao mesmo tempo, instiga o leitor à uma ação transformadora. A crítica sobre o autor ressalta que:

É preciso compreender a obra de Casaldáliga, num processo de engajamento político e social, na tentativa, por meio da poesia, de humanizar as relações na região, desempenhando não somente seu papel de cidadão em todo o painel de luta contra a injustiça, mas o de poeta que tem na poesia, um compromisso de engajamento social. (SANTOS, 2011, p. 44).

Tivemos a oportunidade de promover o estudo analítico da dissertação *A dessacralização das divindades e a subversão na poética de D. Pedro Casaldáliga*<sup>2</sup>, que se aprofunda no universo da poesia de cunho lírico-religioso produzida pelo autor a partir das obras *Antologia Retirante* (1978), *Cantigas Menores* (1979), *Todavía Estas Palabras* (1989), *Sonetos Neobíblicos, precisamente* (1996), *Versos Adversos: Antologia* (2006). Nesse aspecto, Casaldáliga anuncia uma poesia que, além de subversiva, liga-se aos símbolos e signos místicos e religiosos, refletindo sobre a fé desalienada. As divindades cristãs ganham características humanas e promovem a aproximação da Igreja e do Povo. Para compreender esse processo:

---

<sup>2</sup> Dissertação produzida pela Prof.<sup>a</sup> Mestra Priscila Darolt, pelo programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Literários, UNEMAT, Tangará da Serra.



Vol. 24, nº 1 (2023)

Estabelecemos uma correspondência acerca da produção poética de D. Pedro Casaldáliga e a natureza humana de Jesus. Os eixos centrais da cristologia vivida pelo autor, em sua mais profunda expressão poética, se constituem em encarnação e reino, dentro de uma linha liberacionista. O autor fazia questão de apresentar o mistério da encarnação de Jesus, a partir da afirmação de que divindade e humanidade se contemplam em uma só pessoa: Cristo. (DAROLT, 2021, p. 84).

A Teologia da Libertação foi responsável por realizar a modificação das estruturas tradicionais do catolicismo, principalmente nos países colonizados, visto que as marcas da opressão sobreviveram muito além período colonial: “Colonizar e civilizar já deixaram de ser para mim verbos humanos” (CASALDÁLIGA, 1977, p.226). Com ela, houve ainda a descaracterização do místico e do maravilhoso ao designar a santidade a partir dos chamados profetas sociais, os quais podem ser compreendidos:

Se as virtudes do santo oficial era a obediência e a submissão, para a teologia da libertação as virtudes essenciais não necessariamente corroboravam com a hierarquia, antes seu compromisso era com a verdade e a fé cristã: um compromisso ético. (VALÉRIO, 2012, p. 26).

Nessa perspectiva, as comunidades passariam a construir o seu próprio ideal de santidade, sendo possível que pessoas leigas estabelecessem os critérios de santidade, a partir dos exemplos daqueles que lutam pela transformação e equidade social. Com isso, “surge assim uma nova liturgia que se exprime em novos símbolos, cantos e orações, em sintonia não só com os problemas atuais como também com a fé em Jesus, o Cristo” (REGIDOR, 1996, p. 41).

Essa reação que contrariava a hierarquia da Igreja Católica Tradicional e modernizava as bases da comunidade comungou com a poesia



de Casaldáliga. As diversas camadas interpretativas corroboram com a ideia de que o texto literário potencializa a dessacralização do texto bíblico de forma consciente. Dentre vários poemas, será apresentado “Comadre de Subúrbio” (CASALDÁLIGA, 1978, p. 133) para elucidar essa questão:

A gruta não tinha mais higiene que o vento da noite.  
Deus teve uma vizinhança de pobres amahares.  
\_ Vallecas ou Belém. Belém ou Harlem. Belém ou as favelas...  
\_  
Tu tinhas apenas as duas mãos para alternar com elas o  
presépio.

[...]

José estará sem trabalho muitos dias.  
Depois terá, por fim, uns biscates de esperança em madeira.  
(Talvez abrirá valas, sem abonos.)

[...]

Vizinha do pecado e da vergonha,  
com o Verbo feito carne que habita entre nós  
tu instalaste Deus no subúrbio humano...

Cida, Das Dores, Conceição, Maria:  
todos os nomes trazem a concha de batismo de teu nome.  
Vives, subalugada pela pena e o medo,  
num quadro de tela reluzente  
ou num gesso pintado  
ou na fé envergonhada de um santinho escondido na carteira  
e tua simples presenta rotineira  
traspasa as misérias do subúrbio do mundo com uma linha  
irrompível de alegria,

Comadre de subúrbio,  
Espaço-invasão da Graça,  
Porta e Solar da Cidade Celeste!

O eu lírico afirma que “Deus teve uma vizinhança de pobres amahares / \_ Vallecas ou Belém. Belém ou Harlem. Belém ou as favelas...”. Os versos acentuam a compreensão de que Deus se faz presente entre os



mais aflitos, locais distantes com histórias semelhantes de luta e de conquistas, como: Vallecas, bairro de Madrid, reconhecido pela luta contra o regime franquista; o Harlem, pela sua importância na influência cultural e comercial dos afro-americanos em Nova York; as favelas, geralmente associadas a um aglomerado de casas sem planejamento urbano, com alto índice de desemprego e pobreza.

A partir do verso “com o Verbo feito carne que habita entre nós / tu instalaste Deus no subúrbio humano...”, instauram-se a fé viva e encarnada e o plano material interligado ao divino. Concretiza-se a prerrogativa de que, a partir do nascimento de Cristo dentre os homens, a humanidade passou a experimentar a unificação do divino e o do terreno, da sua natureza de caráter virginal, bem como seu corpo físico e possíveis limitações: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (BÍBLIA, João, 1,14).

José e Maria representam, no poema, pessoas comuns, vivenciando dificuldades como o desemprego: “José estará sem trabalho muitos dias”. Na sequência pontua: “(Talvez abrirá valas, sem abonos)”. A carga irônica desse verso é correspondente à indignação que o poeta sentiu ao chegar a Mato Grosso, como apresentada em seu diário: “\_ Aqui, quem é que nunca foi coveiro? [...] Mais se morre e mata do que se vive” (CASALDÁLIGA, 1978, p. 37). O descaso com a vida reflete a maneira como os governantes manipulam o povo, semelhantes às peças de um “presépio”, que podem ser movidas e reordenadas de acordo com o interesse. Esse é um jogo de poder que contracena com a pobreza e a iniquidade.

As várias Marias arquitetadas em outras mulheres — “Cida, Das Dores, Conceição, Maria” — enfatizam a relação de proximidade entre as figuras bíblicas e o povo. São colocadas em grau de igualdade, e isso permite desvencilhar-se do estigma religioso, em que homens e mulheres



comuns experimentam os efeitos purificadores por meio do sofrimento e do amor ao próximo.

[...] pode-se afirmar que a ampliação e ressignificação religiosa do martírio proposta pela teologia da libertação – e exaltada nas narrativas de Casaldáliga – afasta um pouco mais o caráter sobrenatural da santidade, deixando-a mais próxima do *humano* que do *divino* (VALÉRIO, 2012, p. 143, grifos do autor).

O próprio título “Comadre de subúrbio”, por meio da substantivação “comadre”, comumente utilizada pelo autor em muitos outros poemas, sugere uma forma de ilustrar e direcionar uma interpretação da Bíblia Sagrada. Segundo Valério (2012), essa compreensão se destitui do caráter sobrenatural da santidade, e sua dessacralização acaba por promover uma democratização, uma espiritualidade comunitária, diferentemente da religiosidade individualista até então arbitraria na Igreja. Sobre o termo abordado, o próprio Casaldáliga fez questão de explicá-lo:

Y el compadrío y comadrío, no sólo de nombre, sino vivido con realismo y hasta las últimas consecuencias, es un fenómeno muy nuestro. En muchos lugares, ser compadre o comadre tiene tanta o más fuerza que ser hermano o hermana de sangre (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1992, p. 72).

Identificamos na postura do Bispo/poeta uma visão que se contradiz ao projeto civilizatório do Estado, que tinha em primeiro plano a obtenção de lucros e aumento da produção agrícola, independente das ações que afetavam os mais humildes. Na região do Araguaia, a civilização tão almejada por Casaldáliga e sua Prelazia constituía-se de projetos disciplinares devidamente efetivados nas áreas básicas, como saúde, educação, família e em defesa da Reforma Agrária, os quais viabilizariam



condições favoráveis de vida aos posseiros e indígenas. A postura engajada apresentada em suas produções poéticas não o fez perder a sensibilidade, assim como a leitura histórica religiosa enreda e concretiza o martírio como a metáfora social que diviniza o homem.

Podemos fazer uma relação dialógica entre o poema apresentado anteriormente e “Barro cozido” (CASALDÁLIGA, 1979, p. 33):

Mamãe de barro vivo em carne nova,  
Taipá cozinha ao sábio fogo manso  
os barros precursores do Presépio.  
Papai de barros vivos, gloriosos,  
assim cozinha Deus as nossas vidas.

Reafirma-se a compenetração vivificada da experiência humana de Cristo. O “Presépio”, utilizado para representar as cenas do nascimento de Jesus em Belém, agora enreda o nascimento da própria humanidade, ou seja, Deus e Jesus, Jesus e o homem em uma só pessoa. Esse mesmo presépio sendo a casa de Jesus, Maria e José é símbolo de acolhida, de humildade, como se lê no Evangelho de São Lucas.

As figuras de Maria e José, citadas no poema anterior, se entrelaçam a “mamãe” e “papai” que, aqui, são moldados em “barro vivo”, “carne nova”, “barros vivos, gloriosos”, em uma compreensão de que Jesus continua ressuscitando a cada nova vida, em especial dentre os oprimidos. Os adjetivos “vivo”, “nova” e “gloriosos” dessacralizam a ideia de que o milagre do nascimento de Cristo foi um episódio único e apresenta a construção estética de um catolicismo que adota os símbolos populares e contribuem para a ressignificação do conteúdo bíblico, de forma que a comunidade possa estar inserida e, assim, representada pelas minorias. No





verso “os barros precursores do Presépio”, percebe-se o tom de renovação que tanto a Igreja dos Oprimidos apregoa.

O verso “assim cozinha Deus as nossas vidas” amplia a visão de fé do eu lírico, que confia na presença vívida de Deus. O verbo cozinhar sugere que o tempo, em “fogo manso”, é o elemento fundamental para conquistar os anseios do povo.

Essa resposta analítica aos poemas apresentados permite compreender que a literatura consegue questionar o lugar do sujeito e seu pertencimento, desanuviar a leitura da própria realidade. O poema planta uma semente que germina, indiscutivelmente, a cada nova leitura. Compreendida como humanização:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 249).

Casaldáliga pode ser definido a partir do diferencial: traz um diálogo com o divino e complementa-se em Deus e na poesia. Essa releitura bíblica implica maturidade enquanto sacerdote e extrapola as regiões limítrofes que, por meio da licença poética, permite dessacralizar para sacralizar novamente sob novas perspectivas emolduradas a partir do social. A crítica sobre o autor reconhece que:

O texto poético e religioso pode ser lido como prece, louvor, confissão; considerando sua forma salmódica, a recorrência de paráfrases do evangelho e de parábolas. Persiste, de modo



**Vol. 24, nº 1 (2023)**

geral, nesses poemas o diálogo com Deus, a multivocidade e uma clara preocupação metalingüística dos autores que necessitam tratar da própria poesia e da figura do poeta; ao mesmo tempo em que revela uma obra comprometida com valores humanos. (SILVA, 2008, p. 37).

Outro ponto de destaque sobre a obra casaldaliguiana que conflui com a dessacralização é a característica da subversão, arraigada na totalidade de suas produções. É uma celebração do verso, carregado de ironia e, sutilmente, contestado pelas metáforas e personificações. Entre aliterações e assonâncias, alcança-se o timbre ideal para desencadear configuração utópica de transformação do ser, além de sair da passividade como um ato de defesa e de comunhão com os princípios cristãos.

A leitura de um texto literário pode proporcionar aos indivíduos uma sensibilidade que, de algum modo, possibilitará o desenvolvimento de uma consciência sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia. Nesse momento a literatura exercerá sua função de criticar, denunciar e de resistir (SANTOS, 2018, p. 25).

Bosi (2002) compreende que a poesia de resistência é como uma força catalisadora da vida em sociedade, em que o eu lírico e o narrador devem explorá-la e utilizá-la como propulsora das próprias ações. Uma luta que Casaldáliga abraçou sob uma visão humanizadora do mundo, como parte integrante do processo de igualdade social: “a literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente” (BOSI, 1996, p. 27).

Em suas produções Casaldáliga não trata o excluído como unicamente objeto de escrita, o que segundo Bosi (2002) seria visto como



uma forma automatizada de produção, uma mera repetição dos modelos sociais. Elas enfatizam o excluído enquanto sujeito do processo simbólico; por isso, pode-se compreendê-las como uma atividade social capaz de produzir significativas mudanças.

O poema “Êxodo e conquista” (CASALDÁLIGA, 1979, p. 37), apresentado em uma quadra, retoma a passagem do livro de *Gênesis*, 12, 1, no qual Deus se dirige a Abraão para deixar a terra antiga e ir em busca de uma nova, mesmo que desconhecida, porém prometida:

“Sai de tua Terra e vai  
pra onde Eu te mostrarei...”  
mas retoma tua Terra,  
que Eu te acompanharei!

O texto poético é uma alusão consciente aos problemas encontrados no Araguaia por meio da injusta e pretenciosa distribuição de terras às grandes empresas, que promovia a expulsão dos indígenas e o trabalho em termos escravos dos posseiros e peões. Para o Bispo/poeta, a situação deveria ser enfrentada, os direitos deveriam prevalecer, e Deus os acompanharia nessa tarefa: “mas retoma tua Terra, / que Eu te acompanharei”. O pronome pessoal “Eu”, escrito em letra maiúscula no segundo e quarto versos, evidencia que o mesmo Senhor Deus da época de Abraão se fazia presente, lutando a favor dos oprimidos no estado de Mato Grosso. De certa forma, as duas opções eram tidas na região: o êxodo ou a disputa pelos direitos de igualdade perante a lei de Deus, porém sabendo das barreiras existentes, apontadas pelo poeta como “cercas”.

O poema “Povo torrente” (CASALDÁLIGA, 1979, p. 41) faz uma provocação com carga irônica e metafórica:



Vol. 24, nº 1 (2023)

Fazer do Povo submisso  
um Povo impaciente.  
Fundir os muitos córregos  
numa torrente.

O substantivo “Povo”, grafado em maiúscula como na maioria das vezes em que o poeta apresenta esse vocábulo, demonstra a responsabilidade e a importância dada ao coletivo. A utilização do paradoxo “submisso” e “impaciente” pretende encorajar o povo a protestar pelos direitos, ao mesmo tempo em que se funde o significado metafórico de “submisso” aos “córregos” que, em veias finas, perdem a força e se estreitam ao longo de seu fluxo. Ao contrário disso, a impaciência e a formação de uma torrente pela intensidade ganha rapidez e consegue, de forma impactante, mudar o cenário existente, assim como figurativamente aconteceria com a força da comunidade. A palavra construída pela conotação das águas adquire o curso da resistência.

No poema “Resistência” (CASALDÁLIGA, 1979, p. 41), o eu lírico critica a falta de posicionamento ou a necessidade de fugir sem enfrentamento:

O Povo  
ataca quando  
resiste:  
ou, por ser fraco, calando.  
ou, por ser outro, zombando,  
ou, para ser livre, emigrando.

A conjunção alternativa “ou” enumera e, ao mesmo tempo, apresenta o cenário inaceitável em sua visão. Os verbos no gerúndio “calando”, “zombando” e “emigrando” denunciam ações que necessitavam ser desvencilhadas, pois era preciso não se calar diante das injustiças, colocar-se no lugar do outro e exigir o mínimo de dignidade. Sua postura profética era um exemplo: “Fortalecia a resistência desses grupos, no seu



cotidiano de conflitos com o latifúndio, ao sacralizar a disputa pela terra inspirando-se nos ‘profetas sociais’” (VALÉRIO, 2012, p. 50, grifos do autor).

Essas características se amalgamam de forma muito sensível a vários de seus poemas, tecendo uma rede de análises, mesmo em textos/obras distintas. Porém, apesar de toda essa sensibilidade, o poeta não deixa de utilizar a sua voz firme e seu posicionamento contestatório. Para enfatizar a necessidade do senso de coletividade, vemos em “Oitavo Sacramento” (CASALDÁLIGA, 1979, p. 34):

O Espírito  
decidiu administrar  
o Oitavo Sacramento  
a Vez do Povo!

A Igreja Católica estabelece os sete Sacramentos a partir dos sinais de graça instituídos por Cristo, permitindo ao cristão reafirmar a sua fé com batismo, eucaristia, crisma, confissão, unção dos enfermos, ordem e matrimônio.

O eu lírico sugere a formulação do oitavo Sacramento “a Vez do Povo!” como uma proposição divina para constituição da igualdade. A reformulação das bases católicas permitia repensar em sua unificação e colocá-lo no plano do sagrado. Tanto “Vez” como “Povo” estão escritos em letra maiúscula como uma forma de priorizar a relação entre a igreja e as causas sociais.

Casaldáliga (1977) destacava a realidade de opressão em que vivia o povo da região: superstição, fatalismo e passividade; analfabetismo e semianalfabetismo; marginalização social. Além da poesia engajada, a sua obra social também procurava libertar o povo das amarras do capitalismo e



da cegueira religiosa, priorizar a educação e fomentar a esperança. Fica perceptível uma poesia subjetiva, mas que por meio de sua expressão simbólica consegue embrenhar-se nas questões coletivas:

Com isso, a poesia religiosa pode ser interpretada como busca de uma sentimentalidade que pretende a integração do artista com e na natureza, a reconciliação do homem com sua essência. Contudo, o resultado dessa busca não será o poema isento de reflexões acerca de dúvidas e angústias humanas. (SILVA, 2008, p. 38).

A obra literária casaldaliguiana consegue atuar para cada sujeito do processo recorrer à criticidade. Incita a promoção de um homem novo que concilia suas emoções e ações. Nas palavras de Casaldàliga (1977, p. 191, grifos do autor): “Desde meus anos de formação, minha *oração* foi, invariavelmente, ou uma espécie de contemplativa atitude – sem muitas fórmulas ou com fórmulas violentadas, porque sempre me custou rezar com a boca”. Uma prece que se tece em meio as asperezas sociais e, junto a ela, a poesia que verte o sublime e, ao mesmo tempo, subverte o cenário desigual que aflige a vida dos oprimidos. Uma voz consciente que fala pelo coletivo e reelabora a dinâmica humanizadora da/na sociedade.

Bosi (2015) complementa dizendo que a poesia é a nossa melhor parceira para exprimir e representar o mundo, e seu alcance se dá em um único lance verbal, sentimento e memória. Por conseguinte, registra-se a escrita de Casaldàliga como um espaço aberto para reflexões individuais e coletivas. Uma poesia que se inscreve com sutileza e densidade e, dentre paradoxos assim, vislumbra a beleza da palavra, das sílabas, da rima e do ritmo. A fé e a memória do Bispo professadas nos versos do poeta se assemelham ao alimento diário que fortalece e anima, configurando a esperança como o mais importante de todos os seus credos.



## Referências

BÍBLIA SAGRADA: Edição Pastoral. Revisada por João Dias Goulart, 91.ed. São Paulo: Paulus, 1990.

BOFF, Leonardo; REGIDOR, José Ramos; BOFF, Clodóvis. **A Teologia da Libertação** – Balanços e perspectivas. São Paulo: Ática. 1996.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. **Itinerários**. UNESP, Araraquara, n. 10, 1996.

BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Creio na justiça e na Esperança**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Antologia Retirante, Poemas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Cantigas Menores**. Goiás: Projornal, 1979.

CASALDÁLIGA, P; VIGIL, J. M. **Espiritualidad de la liberación**. Editorial Sal Terrae, 1992. Disponível em: <http://www.servicioskoinonia.org/Casaldaliga/poesia/antologia.htm>

DAROLT, Priscila. **A dessacralização das divindades e a subversão na poética de D. Pedro Casaldáliga**. Dissertação de Mestrado. Tangará da Serra: UNEMAT/PPGEL, 2021.



Vol. 24, nº 1 (2023)

SANTOS, Edson Flávio. **Cercas malditas:** utopia e rebeldia na obra de Dom Pedro Casaldáliga. Dissertação de Mestrado. Tangará da Serra: UNEMAT/PPGEL, 2011.

SILVA, Rosana Rodrigues da. **Tempos de Libertação na Poética de Pedro Casaldáliga.** Revista Norte@mentos 1 (2008): 1-11. Disponível em [http://projetos.unemat.net.br/revista\\_norteamentos/arquivos/001/artigos/artigo\\_rosana\\_norte.pdf](http://projetos.unemat.net.br/revista_norteamentos/arquivos/001/artigos/artigo_rosana_norte.pdf). Acesso em 30 jun. 2011.